

## O corpo, o nojo e a cidade: produção de sentidos no cinema e na literatura

Profa. Dra. Daniele Ribeiro Fortuna<sup>i</sup> (UNIGRANRIO)  
Profa. Dra. Denise da Costa Oliveira Siqueira<sup>ii</sup> (UERJ)

### Resumo

Este texto tem por objetivo apresentar a pesquisa *Quarto de despejo, Meu estranho diário e Estamira: o corpo, o nojo e a cidade*, realizada no âmbito do programa de pós-graduação em Comunicação da UERJ. O projeto teve início em março de 2013 e tem como foco de estudo a comparação entre os livros *Quarto de despejo* e *Meu estranho diário*, de Carolina Maria de Jesus, e o documentário *Estamira*, dirigido por Marcos Prado, analisando questões relativas ao corpo, ao nojo e à cidade. Trabalha-se com uma metodologia analítica e comparativa, tendo como referencial teórico leituras das áreas de Sociologia, Antropologia e Comunicação.

**Palavras-chave:** corpo, nojo, cidade, comunicação, cultura.

### 1 Introdução

Este texto se constitui na apresentação da pesquisa ainda em andamento *Quarto de despejo, Meu estranho diário e Estamira: o corpo, o nojo e a cidade*.<sup>1</sup> Tendo como foco o corpo, a pesquisa visa a estudar os livros *Quarto de despejo* e *Meu estranho diário*, de Maria Carolina de Jesus e o documentário *Estamira*, dirigido por Marcos Prado. A análise se deterá ainda no cenário urbano, pano de fundo de ambos, e no nojo – sensação que quem lida com a catação de lixo precisa enfrentar.

O livro *Quarto de despejo* foi publicado em 1960. Nele, a autora narra detalhes sobre seu dia a dia como catadora de lixo na periferia de São Paulo. Já *Meu estranho diário* foi editado em 1996 e inclui textos inéditos de Carolina não apenas sobre seu dia a dia na favela, mas também sobre sua vida depois da publicação de *Quarto de despejo*. São textos fragmentados escritos fora da norma culta da língua. Para esta pesquisa, serão analisados apenas os trechos que dizem respeito ao período em que Carolina de Jesus era catadora.

No filme *Estamira*, a personagem que dá nome ao documentário tem seu cotidiano retratado. Também catadora, Estamira vive no subúrbio do Rio de Janeiro, no início da década de 2000.

Quarenta e cinco anos separam Carolina de Jesus de Estamira. Cidades diferentes, contextos diversos, mas muitas semelhanças. Ambas podem ser pensadas como aquelas pessoas que Bauman (2004, p. 12) chamou de “refugio humano”, pessoas “deslocadas”, “inadaptadas” ou “indesejáveis”. Tanto Carolina quanto Estamira são mulheres que vivem em centros urbanos – Carolina, em São Paulo e Estamira, no Rio de Janeiro –, à margem da sociedade, em condições precárias e que têm no lixo sua forma de sustento. As duas têm seu corpo afetado por essa realidade e suas palavras e gestos demonstram essas sensações.

Embora seja possível observar que Carolina mantém sua sanidade mental, ela se sente sempre cansada, um “objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 1997, p. 33). As pessoas que a cercam vivem entorpecidas pelo álcool ou atacadas por diversos males físicos. Já Estamira parece ter perdido a conexão com a realidade. No filme, cenas mostram moscas

---

<sup>1</sup> Esta é uma pesquisa de pós-doutorado, que está sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UERJ.

sobre seu corpo, sem que ela demonstre se dar conta. Seus companheiros do lixão também têm seus corpos e mentes cansados, desgastados pelo tempo e pelo trabalho árduo.

O corpo, o cenário urbano e o nojo em *Quarto de despejo* e em *Meu estranho diário* parecem ter seus limites exarcebados em *Estamira*. As fronteiras entre corpo e lixo e entre saúde e doença parecem mais tênues no filme, ao passo que a resistência ao nojo se mostra mais forte em função do tipo de refugio com o qual Estamira é obrigada a lidar. De acordo com Audálio Dantas, jornalista que ajudou Carolina a editar *Quarto de despejo*, “O lixo de Carolina era diferente do lixo de Estamira. Não era um lixão, aquela montanha lá do Rio de Janeiro, mas o lixo espalhado pelas ruas” (apud SANTOS, 2009, p. 123). Quanto ao cenário urbano, este se apresenta mais violento, cruel, fragmentado e excludente.

Mas como são exatamente os corpos de Estamira, Carolina e seus companheiros numa época em que a consolidação do capitalismo transformou o corpo em “corpo-consumidor” (RODRIGUES, 1995, p. 60) até culminar no que Santaella (2008, p. 192) denomina de “corpo pós-humano” e Perniola (2005, p. 21), de “coisa que sente”? Que semelhanças e diferenças apresentam tais corpos e o cenário urbano no qual (sobre)vivem? Que papel desempenham nesse cenário? Como esses corpos lidam com o nojo de ter que lidar com o lixo? Como a questão do lixo se relaciona a eles?

Estas são as perguntas que a pesquisa *Quarto de despejo, Meu estranho diário e Estamira: o corpo, o nojo e a cidade* pretende abordar. O projeto teve início em março de 2013 e algumas conclusões preliminares serão aqui apresentadas.

## 2 Corpo e nojo em discussão: o quadro teórico da pesquisa

Uma detalhada pesquisa bibliográfica está sendo realizada, mas já foi possível traçar um quadro teórico prévio no qual o estudo se baseia e ao qual serão agregadas outras fontes. O quadro teórico se fundamenta no estudo da perspectiva cultural do corpo e do nojo e em leituras sobre estudos urbanos.

Entendemos que o corpo sofreu várias transformações ao longo da história cultural das sociedades ocidentais. Em termos de recorte metodológico, nesta pesquisa consideramos o corpo que se modifica a partir das mudanças que o advento das novas tecnologias e o avanço da industrialização implicaram. A utilização de novas máquinas na indústria permitiu, entre outras coisas, a diminuição da carga horária dos trabalhadores. Isso, somado a outros fatores, culminou no surgimento do que Rodrigues chamou de corpo-consumidor. Segundo o antropólogo, “trata-se agora de um corpo que, em vez de se digerir nas rotinas das fábricas, passa a ter por função fundamental a de digerir em escala industrial os produtos que as máquinas cospem infatigavelmente” (RODRIGUES, 1995, p. 60).

Nessa perspectiva, o corpo torna-se objeto e é tratado como tal. Tanto o corpo como suas partes fragmentadas são considerados consumidores. Por isso, a preocupação com cada uma delas. E, para cada parte, um especialista: personal trainers, dermatologistas, cirurgiões plásticos, tatuadores, *personal stylists*, cabeleireiros, manicures, tinturistas.

Liberado do dever de produzir, este novo corpo incorpora, portanto, o dever de consumir. Esta nova tarefa é vista como fruição, com prazer, fazendo coincidir o agradável e o obrigatório. Mais importante, o corpo-consumidor desperta uma nova sensibilidade: a do corpo sem calos, sem cicatrizes, sem marcas de trabalho... (RODRIGUES, 1995, p. 60-61)

Aos poucos, o corpo-consumidor vai se aproximando do corpo da atualidade, o corpo “pós-humano”, que é “coisa que sente”. De acordo com Santaella (2008, p. 192): “(...) o pós-humano representa a construção do corpo como parte de um circuito integrado de informação e matéria que inclui componentes humanos e não-humanos, tanto *chips* de silício quanto tecidos

orgânicos, *bits* de informação e *bits* de carne e osso.”

O homem pós-humano caracteriza-se pelas mutações possibilitadas pelas cirurgias estéticas, pela dietética, pelo *body-building*, pelos enxertos, pelas cirurgias de mudança de sexo e as possibilidades de modificação genética e clonagem. Além da lógica do espetáculo, é possível observar uma mudança dos limites, que se tornam tênues.

A noção de corpo pós-humano aproxima-se do que o filósofo italiano Mario Perniola chama de “coisa que sente”. Segundo Perniola, a época atual vem testemunhando uma mudança no sentir, o que acaba implicando mudanças na maneira pela qual o corpo se situa na cultura e na sociedade. Para Perniola (1993, p. 12), “os objectos, as pessoas, os acontecimentos apresentam-se como algo já sentido, que vem ocupar-nos com uma tonalidade sensorial, emotiva, espiritual já determinada”. Por isso, o sentir assume agora uma dimensão anônima e impessoal, na qual predomina também o que Mario Perniola chama de “coisa que sente”:

Dar-se como uma coisa que sente e agarrar uma coisa que sente, esta é a nova experiência que se impõe ao sentir contemporâneo. [...] parece que as coisas e os sentidos já não lutam entre si, mas tenham tecido uma aliança graças à qual a abstração mais distanciada e excitação mais desenfreada sejam quase inseparáveis e muitas vezes indistinguíveis. (PERNIOLA, 2005, p. 21)

Como coisa que sente, o sujeito se comporta de maneira impessoal. Apagam-se as fronteiras entre seu corpo e o mundo. Apaga-se a identidade entre o seu corpo e o corpo do outro. Explode, enfim, a separação entre o eu e o não eu, interior e exterior, seres humanos e coisas.

De acordo com pesquisa realizada em 2006, o nojo é uma sensação ambígua.<sup>2</sup> Atração, repulsa, fascínio, asco, curiosidade. Pensamentos perversos. Pensamentos que nem sempre controláveis. O nojo é abjeto. Coloca o sujeito em contato com um lado sombrio, que, geralmente, ele busca ignorar.

Miller (1997) mostra que o nojo é um universo rico em significados, que engloba principalmente o corpo e seus orifícios, mas também a ordem política, social, moral e cultural. O autor traça uma breve historiografia do nojo, desde a Idade Média até os dias atuais. Também enfatiza as diferenças entre o nojo e as sensações que o senso comum considera semelhantes, como o medo, o horror, o tédio e o desprezo. Segundo ele, nem sempre essas sensações repelem — e o nojo deve necessariamente repelir:

*Disgust differs from other emotions by having a unique aversive style. The idiom of disgust consistently invokes the sensory experience of what it feels like to be put in danger by the disgusting, of what it feels like to be too close to it, to have to smell it, see it, or touch it. (MILLER, 1997, p. 9)<sup>3</sup>*

Miller também revela como o domínio do nojo se estrutura. Ele considera que esta é uma área repleta de oposições, as quais são cruciais para entendê-la — como inorgânico x orgânico; vegetal x animal; humano x animal; nós x eles; eu x você; meu exterior x meu interior; seco x molhado; fluido x pegajoso; duro x esponjoso; vida x morte; saúde x doença; belo x feio.

O nojo, segundo William Miller (1997), tem um forte significado político, na medida em que trabalha para manter a hierarquia social, avaliando e proclamando a inferioridade do seu objeto. Os que estão numa escala social alta podem crer que as pessoas pertencentes a camadas populares

---

<sup>2</sup> No que diz respeito ao nojo, um levantamento bibliográfico foi realizado em 2006, por Santos, durante o período de doutorado sanduíche, em Georgetown University, em Washington, nos Estados Unidos. Este levantamento já está sendo atualizado.

<sup>3</sup> Em tradução livre: O nojo difere das outras emoções por apresentar um estilo único e repugnante. A linguagem do nojo invoca consistentemente a experiência sensorial do sentimento de estar em perigo em função do nojo, de estar próximo a ele, ter que cheirá-lo, olhá-lo, tocá-lo.

cheiram mal e se sentem ameaçados pelo seu suposto poder de contaminar e poluir. Estas, por sua vez, também se sentem enojadas pelas atitudes esnobes das camadas mais abastadas da sociedade.

A linguagem do nojo evoca, obrigatoriamente, uma experiência sensorial. É uma sensação instantânea, imediata, que nunca vem aos poucos, mas em uma espécie de jorro, tomando conta do sujeito e mexendo com todos os sentidos do corpo. Por isso, sentir nojo é humano e “humanizante” e aqueles que dificilmente se enjoam parecem pertencer a uma categoria, de certa forma, diferente, como as crianças, os loucos ou os santos.

Miller (1997) considera que o nojo ajuda a estruturar o mundo, porque tem um incrível poder de gerar imagens, organizar e internalizar muitas de nossas atitudes morais, sociais e políticas. Sem o nojo para ser superado, o amor, por exemplo, faria muito pouco sentido. Quando amamos, várias “regras” do nojo precisam ser relaxadas ou até destruídas. Assim, a língua do parceiro na boca do outro desperta prazer, enquanto a língua de um estuprador provocaria o mais intenso dos nojos.

Winfried Menninghaus (2003, p. 1) também considera o nojo como uma das sensações mais violentas que um ser humano pode sentir e que afeta todo o sistema nervoso. Para Menninghaus, o nojo é a experiência de uma proximidade não desejada, que fica na fronteira entre padrões conscientes de conduta e impulsos inconscientes. Entretanto, assim como Miller, Menninghaus acredita que o nojo é uma sensação fulminante e incontrolável, que tem como objetivo proteger o indivíduo da contaminação, da sujeira e da morte.

Em relação ao cenário urbano e sua relação com o corpo, este é um tema que precisa ser investigado de forma mais detalhada e cuidadosa, pois a pesquisa prévia foi ainda incipiente. Alguns autores farão parte do escopo teórico da pesquisa como Bauman (2001, 2004, 2005), Castells (2011), Canclini (1998, 2007, 2009) e Sennett (2008).

Alguns teóricos da Sociologia definiam a cidade como um fenômeno físico. Segundo Castells (2011, p. 40), ao se referir a H. T. Eldrigo, “*Urbano* designaria então uma forma especial de ocupação do espaço por uma população, a saber o aglomerado resultante de uma forte concentração e de uma densidade relativamente alta (...)”

Entretanto, já não é possível considerar a cidade dessa forma. Para Canclini (2005, p. 72), “*las ciudades no son sólo un fenómeno físico (...), sino también lugares donde ocurren fenómenos expresivos que entran en tensión con la racionalización, con las pretensiones de racionalizar la vida social*”.<sup>4</sup>

Como lugar onde ocorrem tais fenômenos expressivos, a cidade, cada vez mais, é palco não apenas da cultura urbana, mas também de tensões. Um crescimento acelerado e desordenado provocou o surgimento do que Bauman (2004, p. 12) denomina de “refugio humano”, pessoas “excessivas”, “redundantes”, “deslocadas”, “indesejáveis”. Nesta categoria, estariam enquadrados todos aqueles que, de alguma forma, vivem à margem da sociedade e/ou que estão “sem domicílio e sem função” (BAUMAN, 2004, p. 42) e, portanto, os catadores de lixo. De acordo com Bauman (2001, p. 116), tais indivíduos:

podem ser confinados a seus próprios alojamentos, de modo que possamos contorná-los e assim evitá-los; podem ser designados para certos empregos e serviços, a serem usados apenas em tempos e lugares claramente definidos; e podem ser mantidos separados, a uma distância segura do fluxo da vida diária normal. (BAUMAN, 2001, p. 116)

Este “exílio” do qual fala Bauman também traz consequências para o corpo, já que, como afirma Paola Berenstein Jacques (2009, p. 130) ao referir-se a Sennett, “corpo e cidade se configuram mutuamente”, pois os corpos ficam “inscritos nas cidades” e “as cidades também ficam inscritas e configuram nossos corpos”.

Para Sennett, na cidade, “o corpo se move de maneira passiva, anestesiado no espaço, para

---

<sup>4</sup> As cidades não são apenas um fenômeno físico, mas também lugares onde ocorrem fenômenos expressivos

destinos estabelecidos em uma geografia urbana fragmentada e descontínua” (2008, p. 17). O corpo se torna entorpecido, paralisado pelo medo do contato com o outro.

Com base no breve quadro teórico exposto acima – que ainda será complementado ao longo da pesquisa –, estão sendo analisados os livros *Quarto de despejo* e *Meu estranho diário* e o filme *Estamira*.

### 3 O corpo, o nojo e a cidade para Carolina e para Estamira

Ao analisar os livros *Quarto de despejo* e *Meu estranho diário*, é possível observar que para Carolina Maria de Jesus, o corpo é lugar de resistência. Em seus textos, as referências ao corpo (seu e dos outros) são diversas: cansaço, fome, indisposição, sexo, bebedeiras. Parece sempre haver uma tensão entre miséria humana e resistência. Seu corpo parecia resistir aos seus problemas individuais e às questões que a incomodavam na favela em que vivia.

Sua escrita revela como se dava esse mecanismo de resistência. O corpo da escritora oscilava entre o cansaço, o desânimo e a necessidade de sobreviver. No dia 19 de maio, Carolina escreve em seu diário: “Deixei o leito as 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal.” Parece o prenúncio de um dia mais ameno, mas, logo em seguida, ela afirma: “As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade. (...) O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dorme porque deitam-se sem comer”. (JESUS, 1997, p. 30).

Para Carolina Maria de Jesus, o nojo parece ser muito mais social do que verdadeiramente uma sensação avassaladora. Em vários trechos de seus livros, a escritora utiliza a palavra nojo para se referir aos políticos e às pessoas que apresentam comportamento que ela considera reprováveis, como bebedeiras e mulheres que mostravam o corpo de forma despudorada. Porém, esse sentimento que a autora denomina de nojo não parece tão intenso como para Estamira. Da mesma forma que a personagem, Carolina não sente nojo ao remexer no lixo ou engordar os porcos para matá-los.

Para Estamira, o corpo é lugar de angústia. Ela sente dores e sofre de incômodos constantes e sua conexão com a realidade parece ser um tanto tênue. Por vezes, se mostra lúcida. Mas, em vários momentos, parece delirar. A personagem que dá nome ao documentário demonstra desespero ao falar de Deus e dos homens. Entretanto, Estamira aparece alegre quando está no aterro sanitário de Gramacho. O lixão é um lugar seguro, onde ela encontrou amigos. Nesse sentido, para Estamira, o corpo é também um lugar de emoções deslocadas: o lixão é um lugar seguro e o nome de Deus parece provocar raiva e até nojo.

Assim, no que diz respeito ao nojo, para Estamira, esta é uma emoção também deslocada. A personagem não mostra nojo ao lidar com o lixo. Inclusive, ao remexer nos dejetos, separa objetos para sua utilização e até alimentos em conserva para consumo próprio. Um vidro de palmito, com validade vencida, por exemplo, pode se transformar em molho para o macarrão.

Três elementos parecem despertar o nojo em Estamira: Deus, os homens e a medicina. Ao ouvir falar de Deus, a personagem se transforma. Ela demonstra não apenas sinais de raiva, mas também de asco. Em alguns momentos, chega a cuspir quando tocam no assunto. Ainda que menos intensa, a reação é semelhante quando se trata do sexo masculino e da medicina. Estamira sofreu abuso sexual diversas vezes e talvez isso tenha resultado nesse tipo de nojo. Quanto à medicina, a personagem recebe tratamento psiquiátrico e já foi internada. Ela não concorda com a prescrição dos remédios que deve ingerir e demonstra asco ao falar sobre os médicos e todas as situações pelas quais teve que passar em relação a sua saúde mental.

No que diz respeito ao cenário urbano, Carolina Maria de Jesus testemunhou o momento em que as favelas surgiram na cidade de São Paulo, no final da década de 1940, como consequência de um contexto político e econômico específico. O Brasil atravessava um momento de intensas transformações. Era a época do governo de Juscelino Kubitschek, cujo *slogan* era “50 anos em 5”.

O objetivo era modernizar o país e, para tanto, estimular a industrialização era um movimento decisivo. Nesse sentido, a urbanização também tinha papel fundamental, já que o crescimento industrial implicava o aumento da força de trabalho. Tais trabalhadores viriam do campo – notadamente do Nordeste –, que começava a se esvaziar, acelerando a migração para as capitais brasileiras, principalmente, Rio de Janeiro e São Paulo.

Se o Brasil, na época em que Carolina Maria de Jesus escreveu seu diário, vivia uma fase da realização de um projeto de construção de um novo país, cabe considerar a afirmação de Bauman (2004, p. 41), segundo a qual “onde há projeto há refugio”. Segundo ele, “nenhuma casa está realmente concluída antes que os detritos indesejados tenham sido varridos do local da construção” (BAUMAN, 2004, p. 41).

E Carolina fazia parte desses detritos humanos. Era o que Bauman (2004, p. 12) considera “refugio humano”, pessoas “deslocadas”, “inadaptadas” ou “indesejáveis”. Sentia-se, como ela própria dizia, um “objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 1997, p. 33).

Para Sennett (2008, p. 370), “a pureza requer segregação” e São Paulo começava a se transformar em um lugar de distinções sociais, o que vai se intensificar muito mais no início dos anos 2000, momento no qual a vida de Estamira é retratada.

A cidade é muito mais ameaçadora e perigosa. E aqueles que, de acordo com o senso comum, podem representar o perigo devem ser afastados. Entre esses indivíduos, encontram-se, por exemplo, os loucos e aqueles que utilizam maneiras alternativas para se sustentar, como os catadores de lixo. Estamira faz parte dessas duas categorias e, portanto, é um sujeito que deve ser mantido afastado. Talvez por isso, a personagem considere o lixão um lugar muito mais seguro do que as ruas da cidade: ela não só parece ameaçar como também é ameaçadora para os outros habitantes.

## **Considerações finais**

Buscamos apontar neste texto algumas das discussões que construímos em torno do tema do corpo e do nojo a partir de dois atores sociais. Carolina e Estamira são duas mulheres reais, pobres, marginais, à margem de bens, serviços e cuidados almejados por grande parte da população urbana das cidades brasileiras. É nessa perspectiva que podem ser chamadas de “refugio humano”, nos dizeres de Bauman (2004).

Sua relação com seus corpos é sofrida. Carolina almeja dar consolo e conforto ao corpo. Estamira ignora seu corpo, como se sua dor se concentrasse na mente doente e lá encontrasse refúgio. Se corpo é cultural, expressa valores, pertencimentos (SIQUEIRA, 2006), as duas mulheres não querem se identificar com seus corpos sofridos, querem se desligar deles. Seus corpos são deslocados.

A interação delas com a sujeira, com o lixo, com aquilo que os outros não querem mais e descartam mostra uma atitude quase *blasée* (SIMMEL, 2007), no sentido de indiferente, banalizada. Lidam com o lixo como outros lidam com documentos, com papel: separam dele o que pode ser reutilizado, ainda comercializado ou guardado para uso próprio. A noção de reciclagem, de uso ecológico mostra-se um luxo que não aparece nos livros de Carolina nem no filme sobre Estamira. Um discurso que não se encontra no meio de tanta miséria material e humana.

No meio de toda essa pobreza, a riqueza das duas personagens aparece na contradição: uma mulher miserável, com pouco domínio do registro escrito da língua, que escreve suas dores, e outra mulher também muito pobre, mas que estabelece pouca conexão com a realidade. Enquanto Carolina escreve, Estamira delira, mistura realidade e devaneio. Seus dramas são ricas narrativas sociais, encerram imaginários sobre as mulheres das camadas mais pobres das sociedades urbanas brasileiras.

Nessa pesquisa em andamento vários temas serão ainda aprofundados, principalmente, no que

diz respeito à questão urbana. No momento, o foco da análise é o corpo e o nojo. Espera-se que, nos próximos meses, seja possível deter-se na relação entre o cenário urbano, os livros *Quarto de despejo* e *Meu estranho diário* e o documentário *Estamira*. Espera-se também que as discussões travadas até aqui e as que ainda serão realizadas contribuam para a discussão de temas tão importantes, como o corpo, o nojo e a cidade.

## **Referências Bibliográficas**

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**. São Paulo: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vidas desperdiçadas**. São Paulo: Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Confiança e medo na cidade**. São Paulo: Zahar, 2005.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998.

\_\_\_\_\_. **Imagários urbanos**. Buenos Aires: Eudeba, 2007.

\_\_\_\_\_. **Diferentes, desiguais, desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

ESTAMIRA. Produção de Marcos Padro e José Padilha. Rio de Janeiro: RioFilme, 2005.

JACQUES, Paola B. Corpografias urbanas: a memória da cidade no corpo. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joëlle; OLIVEIRA, Cláudia de (orgs.). **Corpo** – identidades, memórias, subjetividades. Rio de Janeiro: Mauad / Faperj, 2009. p. 129-139.

JESUS, Carolina Maria de. **Meu estranho diário**. org. José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996.

\_\_\_\_\_. **Quarto de despejo**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

MENNINGHAUS, Winfried. **Disgust** – theory of a strong sensation. Albany: State University of New York Press, 2003.

MILLER, William Ian. **The anatomy of disgust**. Cambridge; London: Harvard University Press, 1997.

PERNIOLA, Mario. **Do sentir**. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

\_\_\_\_\_. **O sex appeal do inorgânico**. São Paulo: ECA, USP; Studio Nobel, 2005.

RODRIGUES, José Carlos. **Higiene e ilusão**. Rio de Janeiro: Nau, 1995.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2008.

SANTOS, Daniele Ribeiro dos. **Do realismo sujo ao realismo vazio: um estudo comparativo entre a ficção de Rubem Fonseca e Pedro Juan Gutiérrez**. Orientador: Ana Cristina de Rezende Chaira. Rio de Janeiro: UERJ / Instituto de Letras, 2007, 201 p. Tese de doutorado.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Carolina Maria de Jesus** – uma escritora improvável. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **Corpo, comunicação e cultura**: a dança contemporânea em cena. Campinas: Autores Associados, 2006.

SIMMEL, Georg. **Les grandes villes et la vie de l'esprit**. Paris: Éditions de l'Herne, 2007.

---

i **Daniele RIBEIRO FORTUNA, Profa. Dra.**

Universidade Unigranrio (UNIGRANRIO)  
Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas  
drfortuna@hotmail.com

ii **Denise da COSTA OLIVEIRA SIQUEIRA, Profa. Dra.**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social  
dcos@uerj.br